

Corsário preso

Possibilidades e limites para navegar pelo conceito de gênero na Educação Básica

Imprisoned privateer

Limits and possibilities for navigating through the concept of gender within the Basic Education

Corsario encarcelado

Posibilidades y límites para navegar el concepto de género en la educación básica

CLÁUDIA MARIA RIBEIRO*

Universidade Federal de Lavras, Lavras – MG, Brasil.

CONSTANTINA XAVIER FILHA**

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande – MS, Brasil.

RESUMO: O texto mergulha no relato de uma educadora integrante do Fórum Sul Mineiro de Educação Infantil que atua numa cidade do Sul de Minas Gerais. Entrelaçamos sua experiência no planejamento e execução de um encontro com as discussões ético políticas nos processos de formação continuada, para essa primeira etapa da educação básica, com a música Corsário, de Aldir Blanc e João Bosco. Na problematização do relato evidenciamos a falácia da “ideologia de gênero” e o pânico moral. Os subtítulos do texto veiculam as frases da música Corsário que nos instigaram a pensar na importância das resistências, em um momento de tentativas de cerceamento de fazeres e saberes.

Palavras-chave: Fórum de Educação Infantil. Formação continuada. Relações de gênero. Filmes para crianças.

* É Mestra e Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Pós-doutora pela Universidade do Minho – Braga, Portugal. Atualmente é professora Titular aposentada da Universidade Federal de Lavras. *E-mail:* <ribeiro@ufla.br>.

** É Mestra em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Realizou pós-doutorado em Educação na Universidade Estadual de Campinas. Atualmente é professora da Universidade Federal de Mato Grosso Sul. *E-mail:* <tinaxav@gmail.com>.

ABSTRACT: The text digs deeply into the narrative of a female educator who is a member of the Basic Education for Children Forum Sul-Mineiro which acts in a city located in the south of Minas Gerais. We interweaved her experience in the planning and execution of facing ethical-political discussions in the continuing education processes, for this first stage in Basic education, with the song *Corsário*, by Aldir Blanc and João Bosco. In the problematization of the narrative, we have highlighted the fallacy of the “gender ideology” and the moral panic. The subtitles from the text convey phrases from the song *Corsário* which have instigated us on thinking about the importance of resistances, at a moment of attempts to restrain practices and knowledge.

Keywords: Basic Education for Children Forum. Continuing education. Gender relations. Movies for children.

RESUMEN: El texto profundiza en el relato de una educadora miembro del *Fórum Sul Mineiro de Educação Infantil* (Foro Sur de Minas de Educación Infantil), que actúa en una ciudad en el sur de Minas Gerais. Entrelazamos su experiencia con la planificación y ejecución de un encuentro con las discusiones ético-políticas en los procesos de educación continua para la primera etapa de la educación básica, con la música *Corsário*, de Aldir Blanc y João Bosco. En la problematización del relato, destacamos la falacia de la "ideología de género" y el pánico moral. Los subtítulos del texto transmiten las frases de la música *Corsário* que nos instigaron a pensar sobre la importancia de las resistencias, en un momento en que se intenta cercenar los haceres y saberes.

Palabras clave: Foro de Educación Infantil. Educación continua. Relaciones de género. Películas infantiles.

“Buscando a mão do mar”

Iniciamos a escrita deste texto, inseridas em contextos nos quais borbulham infinitas questões em nosso país – que vive a pandemia do coronavírus¹ – relacionadas às lutas pelos direitos humanos e que revelam as desigualdades as mais diversas, especialmente, na educação. Crianças e jovens se vêem forçadas a realizar atividades remotas sem equipamentos, sem tecnologia, sem acesso à internet. E equipes de profissionais da educação atuam, na maioria das vezes, sem formação para elaborar materiais e, fundamentalmente, sem enxergar as crianças em suas especificidades de desenvolvimento,

especialmente na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental. Desigualdades e injustiças sociais continuam céleres!

Num dos meandros deste contexto morre Aldir Blanc², nascido em 1946 – letrista, poeta e escritor. Criando letras que navegam pelo imaginário, apresentando um conjunto de metáforas repletas de símbolos e representações. Nem uma palavra do governo brasileiro sobre a morte do compositor. A secretária de Cultura³, na época, foi cobrada por jornalistas que homenageasse não só Aldir Blanc como outras pessoas que faleceram e produziram muito para a cultura do País. A resposta que veio da secretaria é que teria, então, de criar um obituário na página da Secretaria de Cultura. Desvalorização da genialidade do compositor.

Várias são as suas músicas, mas uma delas tem ecoado em nossas vidas desde que soubemos de sua morte: Corsário. Composta em 1976, logo após os anos de chumbo no Brasil (1969-1974), período de intensa repressão e a censura do regime ditatorial.

A música Corsário foi problematizada por Silva (2008) no texto *O imaginário e as músicas interpretadas por Elis Regina na década de 70*. E Corsário, de Aldir Blanc e João Bosco, é uma delas. Fala de refúgio, exílio, sofrimento com a distância da Pátria. O “Corsário preso”, mas também o desejo de sair daquela situação. Buscar o mar; procurar o mar; “a juventude nos anos 70 estava motivada pela busca de algo (...) ser ativa na vida política” (SILVA, 2008, p. 71). E nós, educadoras e educadores, somos desafiadas e desafiados a compor outras navegações. Para tanto, os exercícios das resistências são fundamentais, diretamente vinculados às relações de poder. “Se o poder não é uma entidade monolítica, se ele se joga no âmago das relações, então, não existe *um Poder* ao qual se poderia opor *um lugar de grande Recusa*, mas *resistências* que se jogam no interior do campo estratégico das relações de poder” (VILELA, 2010, p. 29).

Surfaremos pelas relações de poder e resistências tendo como cenário um município no Sul de Minas Gerais, integrante do Fórum Sul Mineiro de Educação Infantil. Desafiemo-nos a problematizar as relações de gênero na primeira etapa da educação básica, entrelaçando a música Corsário, as produções em filmes para crianças de Constantina Xavier Filha e a experiência da realização de um encontro desse Fórum.

“Me arrastar até o mar, procurar o mar”

O cenário da empiria deste texto é o Fórum Sul Mineiro de Educação Infantil (Fsmei). Movimento social vinculado ao Fórum Mineiro de Educação Infantil (FMEI) e ao Movimento Interfóruns de Educação Infantil do Brasil (Mieib). Constitui-se em um espaço suprapartidário, articulado por diversos órgãos, instituições, entidades e aberto à sociedade civil, com vistas a potencializar a qualidade da educação infantil. Os Fóruns caracterizam-se pelo aspecto ético, político e formativo, configurando-se como

uma estratégia de mobilização, proposição e divulgação de uma concepção de infância e educação infantil, assegurando os direitos fundamentais das crianças. O Fsmei foi criado em 1999 e de lá, até a presente data, articula várias cidades do Sul de Minas Gerais. Atualmente, os encontros são mensais e itinerantes – suspensos em função da pandemia do coronavírus. As lutas continuam no contato estreito da equipe com integrantes do FMEI e do Mieib. Especialmente considerando que a especificidade da educação infantil não demanda por atividades remotas para as crianças e sim interlocução com as famílias, para que, juntos e juntas, possamos acolher as crianças em tempos tão difíceis. Assim, continuam as pesquisas, produção de conhecimentos, práticas institucionais e implementação de políticas públicas. Neste imenso cenário, nos muitos ribeiros que se formam, para desaguar no mar, para discutir as relações de gênero, mergulhamos no planejamento e execução do 141º Fórum Sul Mineiro de Educação Infantil. Não será apresentado o nome da cidade e nem da profissional da educação que concedeu o seguinte relato:

Em 28 de fevereiro de 2019, “quase não” aconteceu na cidade o 141º Fórum Sul Mineiro de Educação Infantil, com o tema-problema: “Brinquedo não tem Gênero”. O tema nasceu (parto doloroso) das discussões em reunião com a equipe de supervisão pedagógica. Nos propusemos a discutir o assunto sobre gênero, partindo das experiências das escolas sobre o que é ser homem e o que é ser mulher.

Foi a partir dessa discussão, apesar de muitas resistências, que chegamos a um acordo de que muitos padrões de comportamento machista e de violência se revelam ao brincar e com os brinquedos. Além disso, muitos profissionais da educação que trabalham com crianças e adolescentes reproduzem esse comportamento machista e também de violência, quando dizem: “menino brinca de carrinho e menina brinca de boneca”; “menino e menina não podem brincar juntos”; “menino não brinca de casinha” ..., justamente nesse ponto que se faz necessário uma formação crítica com as/os educadoras/es.

Nesse sentido, o tema “Brinquedo não tem gênero”, justificou-se porque muitas instituições de educação infantil e ensino fundamental não têm um olhar cuidadoso para o conceito de gênero e suas relações com as situações de violência.

Todavia, experiências mostraram que gestores também não reconhecem a importância da formação crítica desses profissionais que trabalham com as crianças e adolescentes sobre as questões de gênero. Uma vez escolhido o tema, as instituições educativas se mobilizaram para executar o plano, mas as supervisoras foram proibidas de dar andamento à proposta do FSMEI. Foram orientadas para que retirassem das paredes os cartazes com a descrição do tema e mudássemos a ideia sobre a cor da camiseta (educadoras de azul e educadores de rosa).

Como membro do comitê gestor do Fsmei, fui chamada pela secretária de Educação, que me relatou a necessidade de mudar o tema, pois muitas pessoas e autoridades (assessor da prefeita, vereadores) da cidade se revoltaram, dizendo que a educação estava propondo a ideologia de gênero nas escolas e, além disso, pediram para cancelar o Fsmei. Expliquei o objetivo do tema, sua necessidade para a formação dos/das profissionais da educação e sua importância para ampliar as reflexões sobre sexualidades. Propus levar essa informação aos vereadores com a presença da coordenadora do Fsmei.

Ao considerarmos que seria importante participar na tribuna da Câmara de Vereadores, foi feito o convite à coordenadora do Fsmei, que, prontamente, aceitou. Mas, ao conversar com o assessor da prefeita da cidade, ele cancelou a nossa ida à reunião da Câmara, dizendo que seria melhor utilizar a rede de televisão da cidade, para informar a comunidade sobre o assunto do Fsmei. E pediu para que, ao produzir os convites do Fsmei, não colocasse a logomarca da Prefeitura.

“Para arrastar até ao mar, procurar o mar”, passamos pela formação dos ribeiros, em que diversos riachos nascem e renascem, incitam a pensar no “simbolismo do rio e do fluir de suas águas”, até chegar ao mar (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1998, p. 780). Nesse fluir das ações dos fóruns, quantos projetos de extensão para formação continuada das equipes das cidades participantes já foram discutidos, inclusive, gênero e sexualidades. E a cidade em tela, da qual propositalmente omitimos o nome, participou de todos eles. Citamos alguns projetos que tiveram quase em sua totalidade integrantes das cidades que compõem o Fsmei: 2004, 2005 e 2006 (PROEXT/MEC): *Construindo práticas a partir dos compromissos com a defesa dos direitos sexuais de crianças e adolescentes no combate ao abuso e exploração sexual*; 2007, 2008 (SECAD/MEC): *Educação Inclusiva: tecendo gênero e diversidade sexual nas redes e proteção*. Em 2009, para execução em 2010 (SECAD/MEC): *Tecendo gênero e diversidade sexual nos currículos da Educação Infantil*. Os estudos do livro produzido com o mesmo título até hoje são realizados por grupos de educadoras e educadores nas cidades da região. E, em 2014, para execução em 2015/2016, o projeto *Borbulhando enfrentamentos às violências sexuais nas infâncias no sul de Minas Gerais*, aprovado pelo PROEXT/MEC.

Todos esses projetos geraram livros, artigos, produção de materiais que objetivam justamente lutar contra as concepções de criança inocente e assexuada tentando não reduzir a infância “àquilo que os nossos saberes podem objetivar e abarcar e àquilo que nossas práticas podem submeter, dominar e produzir” (LARROSA, 1999, p. 194). Até hoje os livros são fonte de estudos.

“Mesmo que eu mande em garrafas mensagens por todo o mar...”

Nesta parte do texto nos debruçaremos sobre a narrativa da profissional da educação que descreveu o processo do planejamento do 141º Fórum Sul Mineiro de Educação Infantil. O discurso é carregado de detalhes e de dificuldades para se promover o encontro de docentes para se debater sobre a temática de gênero em uma cidade do interior do Brasil. Apesar do tema surgir da demanda das práticas pedagógicas de docentes relacionadas às normatizações de gênero de padrões machistas e de violência de gênero em brincadeiras de crianças. Por esse motivo tão justo e necessário, se pensou em propiciar a discussão sobre as práticas pedagógicas generificadas, ou seja, permeadas por

normas de gênero, nas brincadeiras e nos brinquedos para as crianças. Um dos marcadores sociais que se pensou para chamar a atenção do evento, e também para ser algo educativo e provocativo, foi utilizar as cores rosa e azul nas camisetas que seriam usadas por educadoras e educadores. Diga-se, de passagem, que as cores não são neutras nesta instância, elas foram historicamente designadas para serem usadas para um gênero em detrimento do outro. O rosa foi indicado culturalmente a ser a cor para denotar a doçura, a feminilidade frágil, a ‘fofura’ de ser menina. O azul a ser a cor para os meninos, o que indica força, virilidade, agressividade. No caso do Fórum, pensou-se uma inversão: as pessoas que se identificassem com o gênero masculino iriam usar camisetas na cor rosa e o inverso, na cor azul. A provocação do seminário já começava a fazer pensar a partir da discussão do binarismo das cores...

A temática, as propagandas do evento, as camisetas, as cores... provocaram enorme alvoroço no município, sede do evento. A prefeitura e a secretaria de educação não aceitaram que suas logomarcas fizessem parte das demais instituições promotoras nos materiais do seminário. Tentaram inclusive ameaçar a existência do evento dizendo da possível propagação de algo nefasto para aquela pacata cidade. Logo, a palavra tão temida veio à tona: “Ideologia de gênero”! Talvez pouco ou nada se saiba sobre esse tema, mas sua enunciação é capaz de provocar pavor e repulsa em muitos locais, especialmente em escolas e secretarias de educação, como parece que foi o caso. Em vez de repreensão e silenciamento, a secretaria poderia, por exemplo, propor que o evento pudesse esclarecer sobre o tema e explicar sobre a ‘tal’ ideologia. Mas, não foi o que aconteceu!

É importante irmos além desse fato. Não é nossa proposta uma análise em particular ou um julgamento do ocorrido. O que propomos é algo mais amplo para pensar que esse exemplo é representativo do que estamos vivendo na atualidade em diversos municípios, não só mineiros, mas de inúmeros locais do Brasil e de outros países do mundo. Vimos esses fatos acontecerem muito presentemente nas casas de lei brasileiras, nas votações dos Planos Nacionais de Educação, em relação às temáticas de gênero, identidades de gênero e identidades sexuais, dentre outros temas relacionados.

O termo “ideologia de gênero” em questão tem provocado, em parte da sociedade, como parece ter ocorrido com membros da secretaria de educação e dirigentes municipais narrados pela profissional da educação, sussurros, silenciamentos, não-ditos, repreensões..., que acabam por provocar pânico morais nos grupos de professoras e professores, nas famílias, na sociedade.

Miskolci (2007) explica sobre os mecanismos de produção de pânico moral, a partir dos estudos de Stanley (1972 *apud* MISKOLCI, 2007), que são uma “condição, um episódio, uma pessoa ou um grupo de pessoas, [que] passa a ser definido como um perigo para valores e interesses societários”. No caso em pauta, há pessoas que dizem que a ‘ideologia de gênero’ é um perigo que ameaça a existência das crianças e das famílias. A justificativa desse grupo que se sente ameaçado é de que, ao se discutir gênero com

as crianças, isso iria mudar o sexo delas e também poderia deixá-las vulneráveis a possíveis predadores sexuais. Em relação às famílias, a crença recai a um possível ataque às famílias ‘tradicionais’, aos papéis estabelecidos de seus membros e à procriação; com isso, segundo essa “crença”, haveria a possibilidade de acabar com as famílias, como tradicionalmente as conhecemos.

O conceito de pânico moral “permite lidar com processos sociais marcados pelo temor e pela pressão por mudança social” (MISKOLCI, 2007, p. 112). Como vínhamos falando anteriormente, quando há rumores de que “algo/alguém/ou uma condição” quer “acabar com a família tradicional” e com isso mudar a sociedade, provoca-se um temor e um medo de parte da sociedade e isso provoca, nessas pessoas, um temor quase irracional que não dá espaço para o diálogo e outras possibilidades para o debate. Vivemos períodos em que grupos historicamente vulneráveis conquistaram seus direitos, como a união civil de casais homoafetivos, e esse tipo de direito provoca mudanças sociais e ao mesmo tempo críticas de grupos conservadores que se sentem ameaçados e promovem ideias errôneas contra essas mudanças que levam à construção de pânicos morais. Estamos aqui na tentativa de uma simplificação de explicação e entendimento de um processo social e cultural muito mais complexo, porém, necessário, para registrar como podemos observá-lo na prática cotidiana, o que de fato ocorreu nos embates para a realização de um evento que queria discutir sobre a brincadeira e as questões de gênero relacionadas às crianças nas instituições de educação infantil.

Xavier Filha (2019) analisou vários blogs e mensagens publicadas na internet, para ver a disseminação sobre temáticas como gênero e sexualidade na infância, e percebeu como há inverdades, que são revestidas com um tom de verdade única e que, em vez desses materiais promoverem um diálogo e novas formas de pensamento sobre as temáticas, promovem o pânico e o medo, a paralisia do pensamento, sensações das mais insensatas e hostis com quem possa ameaçar quem está aparentemente atacado/a: as crianças, a família, a escola. Isso talvez possa explicar a atitude das pessoas da Secretaria da Educação da cidade mineira e de tantas outras dos rincões desse imenso país; isso pode explicar o temor e medo e o próprio pânico quando se ouve a expressão “ideologia de gênero”, sem ao menos saberem ao certo do que se trata.

A música Corsário potencializa nossas problematizações, diz do “teu Corsário preso”. Todo o contexto de repressão no qual nasceu essa música nos faz pensar em nosso hoje, tão repleto de vigilâncias e cerceamento quando a temática é gênero. O receio da equipe gestora da cidade era “ideologia de gênero”. O que é? O que significa para a educação? Vários estudos problematizam o tema. Citamos alguns: *“Ideologia de gênero”: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo* (MISKOLCI e CAMPANHA, 2017). *Ideologia de Gênero: a gênese de uma categoria política reacionária – ou: a promoção dos direitos humanos se tornou uma “ameaça à família natural”?* (JUNQUEIRA, 2017). *Ideologia de Gênero: uma falácia construída sobre os Planos de Educação Brasileiros* (REIS e EGGERT, 2017).

É nesse cenário de tantos pânicos que o grupo do Fórum Sul Mineiro de Educação Infantil propõe um Seminário com o tema Gênero! Quantas mudanças sociais e culturais pretende provocar com esse evento? E na educação infantil? Na hora instala-se o medo... a paralisia... e o não! Não pode! Não autorizo! O temor se instala na Secretaria de Educação e também nos membros do Fórum. Alguns/as profissionais da Secretaria solicitam a mudança do tema. Vide a expressão do pânico moral em ação!

Como vimos afirmando, isso não é um caso isolado, mas comum nos tempos atuais quando se equivoca ou se utiliza o conceito de gênero de forma não científica pelos defensores da ideologia de gênero. O pânico moral provocado por esse medo e pavor provoca, como já destacado, atos que não são racionais, pensados, promovendo temor coletivo, sem provocar espaços e fendas para algum tipo de discussão.

O que fazer diante desse quadro? Há momentos que parece que *“mesmo que eu mande em garrafas mensagens por todo o mar”*, como no subtítulo nesta parte do artigo, nada parece atravessar a barreira que fecha as pessoas em conchas por todo o mar. Parece que estamos tentando falar sem sermos escutadas, essas garrafas chegam até algumas pessoas e as mensagens não são lidas e, quando as são, não são entendidas. Como chegar até essas pessoas? Como problematizar conhecimentos sacralizados como verdades inquestionáveis? Desafios ultramodernos que nos colocamos nesses rios caudalosos que partilham as águas em turbilhões, que às vezes nos afundam e nos engolem e afogam.

Apesar de bastante complexa a situação atual, resistir é preciso. Foi o que fez o grupo de pessoas que compõe o Fórum. Persistiu com a temática e realizou bravamente o evento. Pensamos na resistência das práticas cotidianas como Michel Foucault nos instiga a pensar, nas nossas atitudes com as crianças, na opção pelas formas de falar, utilizando a linguagem inclusiva de gênero, dentre tantas possibilidades.

Foucault (2004) nos convida a pensar que *“se há relações de poder em todo o campo social, é porque há liberdade em todo lado”*, ou ainda:

nas relações de poder, há necessariamente possibilidade de resistência, pois se não houvesse possibilidade de resistência – de resistência violenta, de fuga, de subterfúgios, de estratégias que invertam a situação –, não haveria de forma alguma relações de poder (p. 277).

O autor nos diz que nas relações de poder há possibilidade de resistir, de haver rotas de fuga no cotidiano das instituições de educação, dialogando com as crianças, provocando novas formas de pensar, propondo que as mensagens saiam das garrafas e possam ser dialogadas sem medo ou receios, como foi feito resistentemente no evento do seminário pelos e pelas integrantes do Fórum Sul Mineiro.

Um dos desafios a se empreender é socializar o conceito de gênero, estudado pelas ciências humanas e sociais. Um dos primeiros aspectos a se evidenciar é que gênero faz parte e organiza a vida das pessoas em sociedade, portanto, é construído social e

culturalmente com marcas históricas. É na sociedade que aprendemos e nos identificamos como masculino, feminino, ficamos nas margens ou não nos identificamos com ele. Portanto é um conceito plural e nada tem de biológico. Guacira Lopes Louro assegura que o gênero é

[...]uma construção social feita sobre diferenças sexuais. Gênero refere-se, portanto, ao modo como as chamadas “diferenças sexuais” são representadas ou valorizadas, refere-se àquilo que se diz ou se pensa sobre tais diferenças, no âmbito de uma dada sociedade, num determinado grupo, em determinado contexto (LOURO, 2000, p. 26).

Nas ciências sociais e humanas que nos pautamos, o gênero é uma construção social, como ressalta Louro. É no âmbito da sociedade, em determinados grupos, contextos culturais e históricos que nos constituímos como seres sociais diversos.

O marcador social de gênero, tal como o de etnia, de classe, de geração, dentre outros, também é construído socialmente porque somos seres sociais. O que se pretende é questionar e desconstruir as normatizações de gênero que pretendem construir formas únicas de constituir os modos de se viver os gêneros. As normas de gênero a serem desconstruídas são aquelas em que as marcas de gênero são idealizadas, sacralizadas e binárias, por exemplo com relação aos brinquedos que atribuem na atualidade as cores rosa para as meninas e o azul para os meninos; a boneca para as meninas e o carrinho para os meninos.

O 141º Fórum Sul Mineiro de Educação Infantil teve como tema: “Brinquedo não tem gênero”. Podemos problematizar o próprio tema do evento. Brinquedo não tem gênero? Há algum artefato cultural que não seja generificado na sociedade?

Parece que a provocação do evento era para dizer que os brinquedos e brincadeiras das crianças da educação infantil e dos primeiros anos do ensino fundamental não deveriam ter normas tão sacralizadas de gênero e por isso deveriam ser territórios livres do brincar, independentemente se forem crianças que se identifiquem como meninos ou meninas. No entanto parece que negar que social e historicamente os brinquedos não tenham a marca de gênero não provoca mudança e novos pensamentos sobre o tema. Entendemos que a proposta era pensar que os brinquedos não deveriam ser generificados; no entanto eles são. O que consideramos ser mais prudente parece ser provocar a problematização sobre esses processos discursivos, que fizeram com que a boneca seja algo exclusivo do brincar da menina e o carrinho, do menino, por exemplo. Questionar porque esses binarismos também estão ligados as normas da heteronormatividade. Inclusive, essa discussão parece ser desejável para ser alvo de momentos com as crianças, ou seja, discutir porque os brinquedos são tão demarcadamente divididos e marcados em relação aos gêneros masculino e feminino. O que estamos questionando é tornar a afirmação mais repleta de perguntas para provocar mais formas novas de pensar, para poder penetrar nas tais verdades únicas das pessoas, para poder entrar nas fendas dos discursos dos medos que constroem os pânticos morais... Talvez possam ser discursos potentes

da educação em quaisquer dos âmbitos. Temos que pensar em como atingir as pessoas para não aumentar os temores que os pânicos já promovem, mas buscar as fendas das discussões... dos novos pensamentos!

O Corsário preso exige muita resistência no sentido de jogar o jogo do poder. “A análise dos mecanismos de poder não mostra que o poder é, simultaneamente, anônimo e sempre ganhador” (FOUCAULT, 2001, p. 206). Assim, as estratégias para as resistências foram acontecendo. A equipe do Fsmei sugeriu participar, com voz, de uma reunião da Câmara Municipal da cidade. Foi negada. Em contrapartida, a equipe da Prefeitura sugeriu uma entrevista na TV da cidade. *Aí, sim!* Foi uma excelente oportunidade para apresentar o conceito de gênero e a falácia da ideologia de gênero. Para provocar problematizações. Mostrar a produção de conhecimento de anos a fio – a TV local ampliou o tempo da entrevista pois o repórter interessou-se sobremaneira quando eram exibidos os livros para estudos; os livros para crianças; os filmes produzidos por Constantina Xavier Filha.

“Com as garrafas de naufragos”: a realização do Encontro

A equipe não naufragou! A partir da entrevista na TV local, os riachos transformaram-se num caudaloso rio. Tanto as assessorias diretamente ligadas à prefeita, quanto profissionais da Secretaria Municipal de Educação daquela cidade; outras e outros profissionais integrantes da rede municipal de ensino, que implica não só a educação infantil mas também os anos iniciais e finais do ensino fundamental, teceram comentários sobre a importância da fala da Coordenadora do Fórum Sul Mineiro de Educação Infantil na TV. A professora que nos concedeu a entrevista problematizada neste texto reafirmou:

a importância do FSMEI nas cidades como oportunidade para reflexão crítica das muitas experiências que ocorrem nos espaços das instituições educativas, para que sejamos capazes de denunciar as diversas situações de violências contra a criança e adolescente e de anunciar outras práticas, outros olhares para as interações e brincadeiras.

O curso das águas seguiu seu fluxo⁴ – a realização de encontros em cidades do Sul de Minas Gerais. O 141º Fórum foi mais um e causou tanta polêmica por causa do tema: “Brinquedo não tem gênero”. No dia combinado o auditório da cidade, escolhido para receber as pessoas convidadas, estava repleto de professoras e professores dos vários níveis de ensino da cidade e representantes de muitos outros municípios do Sul de Minas Gerais que, mensalmente, deslocam-se de suas cidades para participar das discussões. Os encontros são itinerantes, ou seja, realizados a cada mês em uma cidade do Sul de Minas Gerais. A estrutura do evento contempla palestras, aparatos culturais a serem problematizados, formação de pequenos grupos para debates, painéis para socialização das

discussões realizadas nos pequenos grupos. Em cada encontro apresenta-se também a pauta política nacional fomentada pelo Mieib.

Dentre as atividades desenvolvidas, para incitar o debate, foi apresentado o vídeo *Menino brinca de boneca?* produzido por uma escola de Vila Esperança – Goiás. Crianças de 7 a 9 anos apresentam, no referido vídeo, suas ideias sobre o tema:

gosto de brincar de boneca mesmo os outros meninos chamando de boiola, gay. Tudo que é palavrão. Super errado. Homem também pode brincar de boneca. Acho uma falta de respeito. Um dia vi uns meninos xingando o Nathan porque ele veio de blusa rosa. Isso é preconceito. Aqui na escola ensinam a não fazer isso. Tenho um colega que a mãe dele não deixa brincar de boneca. Põe de castigo. Aqui na brinquedoteca tem vestido de Cinderela e ele brinca.

O medo da oferta de brinquedos específicos para meninos e meninas tem também outro nome: homossexualidade. “Desde a modernidade, a perversão será seu novo sinônimo, bem como desvio, crime, loucura e anormalidade” (FERRARI, ALMEIDA e DINALI, 2010, p. 123). Até os dias de hoje há esse delírio classificatório inventando-se, discursivamente, essa prática sexual.

A mediação dos debates a partir da apresentação do vídeo foi de responsabilidade da coordenadora do Fórum Sul Mineiro de Educação Infantil. Após as discussões, as integrantes do encontro foram divididas em pequenos grupos e receberam o conceito de gênero de Joan Scott e alguns pensamentos de Tizuko Kishimoto, Walter Benjamim, Jimena Furlani e Wilse Arena da Costa, para discuti-los e apresentarem atividades pertinentes às discussões.

O conceito de Joan Scott distribuído entre as participantes foi o seguinte: “[...] gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e [...] é uma forma primária de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 86).

Cada grupo articulou o conceito com os textos de algum autor ou autora que referiam-se ao modo como as crianças brincam, produzem e reproduzem práticas sociais do grupo em que estão inseridas. Especialmente, apresentamos o extrato do texto de Jimena Furlani (2016, p. 69):

Quando as crianças, meninas e meninos, tem a oportunidade de interagir, de manipular, de recriar os mais variados brinquedos (como brincar de “casinha” ou de “carrinho”), elas: a) adquirem aptidões específicas, por exemplo: coordenação motora, reflexos, visão lateral...; b) exercitam capacidades como desenvoltura no trânsito, controle das emoções, iniciativa, segurança, assertividade, responsabilidade, confiança...; c) experimentam atividades sociais adultas de “ser”: pai, mãe, professora, professor, irmão mais velho, irmã mais velha, tutor, responsável, etc.

Após os debates articulando os conceitos foi solicitado ao grupo que apresentasse cinco itens que contemplassem atividades relacionadas às discussões realizadas. Muitas

atividades interessantes foram sugeridas: fantasias, brincadeiras que envolvam as profissões e esportes, mascote, esporte misto, selecionar literaturas que contemplem os conflitos de poder nas relações de gênero; discutir igualdade através da arte e dramatizações; problematizar os clássicos da literatura buscando desconstruir verdades historicamente construídas. Queimada, pique-pega, jogos de tabuleiro, futebol e vôlei, natação, basquete, soltar pipa, karatê, artesanato, balé, brinquedos e brincadeiras envolvendo meninos e meninas. Fantasias, acessórios, sapatos, tecidos; troca de sapatos, dia da beleza; apresentações culturais (teatro e dança), brincar de casinha. Caixinha do tesouro; circuito do trânsito; estátua; brincadeiras relacionadas com bola. Culinária; hora do faz de conta, dia da brincadeira com os pais e as mães na escola.

O curso das águas do rio pode ser corrente de vida ou de morte. A força para argumentar, não temer os enfrentamentos, apresentar as pesquisas realizadas sobre o conceito de gênero, o debate com as educadoras e educadores para entrelaçar teoria e prática torna-se fundamental nestes tempos de disseminação de pânico moral.

Muito há o que se fazer como veremos nos rios de possibilidades que continuaremos navegando no próximo item, sobretudo com as crianças.

“E a voz que vibra”: os filmes para crianças

Como pensarmos em propiciar discussões sobre as relações de gênero com crianças? Há muitas possibilidades para desenvolver esses momentos na educação infantil e nos primeiros anos do ensino fundamental. Vamos aqui relatar algumas delas, de um projeto de extensão denominado *Brincar de fazer cinema com crianças*, desenvolvido na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, pela Faculdade de Educação. Desde o ano de 2010 desenvolvem ações extensionistas e de pesquisa em escolas públicas municipais de Campo Grande, capital de Mato Grosso do Sul.

As discussões são permeadas pelas questões de gênero concomitante a outras temáticas, como violência contra crianças, autocuidado, autoproteção, corpo e direitos humanos. O propósito é desenvolver metodologias⁵ lúdicas, imaginativas e coletivas para, ao final, produzir um filme de animação com a participação efetiva das crianças dos primeiros anos do ensino fundamental, no caso do 3º. ao 5º. ano.

A primeira etapa do trabalho desenvolvido com as crianças é denominada de *“brincar de pensar em si e no mundo”*. Consiste em conhecer o que as crianças sabem sobre o tema escolhido. Para cada ano, são levados um tema diferente para ser desenvolvido em cada projeto: gênero, direitos humanos, corpo... depois disso, são produzidos, coletivamente, até o produto final, o filme de animação. Várias metodologias de pesquisa/extensão são desenvolvidas com as crianças, seja a roda de conversa, a elaboração de pequenos textos e desenhos, a produção de pequenas histórias individuais ou coletivas. Nesta etapa,

destacam-se as falas e saberes das crianças. Outro momento vivenciado nos projetos é a produção coletiva do filme de animação que é a etapa de “fazer cinema brincando”. As crianças participam de todo o processo de pré-produção, produção e planejamento da pós-produção, até a sugestão final para a edição dos filmes. A última etapa é a de “ver e pensar o filme”. Este é o momento de socializar o filme produzido coletivamente entre adultos e crianças. As crianças falam sobre o processo de produção do filme na universidade em uma mesa-redonda e também quando o exibimos na escola para outras crianças e familiares. Outros questionamentos são produzidos a partir daí. Tais encontros constituíram momentos de fruição, acolhimento, partilha de novos questionamentos, de ver a obra pronta, e também de prospectar novos sonhos, novas ideias, novas formas de produzir com e para as crianças.

Na trajetória dos projetos foram produzidos 12 filmes, que se encontram nas páginas das redes sociais do projeto (www.youtube.com/brincardefazercinema). Muitos deles já percorreram festivais, ganharam prêmios, dentro e fora do País. A seguir, uma síntese dos filmes na ordem cronológica das produções:

Jéssica e Júnior no mundo das cores (3 min., 2010) – história de uma menina que se transforma em cor-de-rosa de tanto viver imersa em um mundo rosa. O mesmo ocorre com o menino que se torna azul. Ambos passam a questionar essa transformação. Filme baseado no livro *A menina e o menino que brincavam de ser*, de Tina Xavier (2009).

Ser criança em Campo Grande: um documentário animado (6 min., 2011) – história de uma menina e um menino que narram seu dia vivido em Campo Grande. Descrevem o que mais gostam de fazer na cidade e a imaginam governada por crianças super-heroínas, com chuva de doces e balas, transformada em docelândia, sorvetelândia e guaranalândia.

A Princesa Pantaneira (9 min., 2012) – Camuela é uma menina que recebeu dos bichos do seu reino o apelido de Princesa Pantaneira. Ela é corajosa, valente, destemida, desbravadora, doma cavalo bravo e salva príncipes e princesas.

Queityléia em perigos reais (9 min., 2012) – história de uma menina que, em sonho, faz tudo o que sempre quis dentro de casa, colocando-se em situações de perigo e de vulnerabilidade.

Direitos das crianças: uma aventura intergaláctica (9 min., 2013) – amizade de duas crianças terráqueas, Lila e Luiz, residentes em Campo Grande, com crianças ETs, Etvaldo e Etnilda, habitantes do Planeta Timbum. Lila e Luiz convidam-nas a passear no planeta Terra. Aqui chegando, conhecem a realidade de outras crianças terráqueas: as que são tratadas com cuidado, alimentação e proteção, e as que têm seus direitos violados.

João e Maria: dos contos à realidade (9 min., 2013) – versão contemporânea do conto de fadas do mesmo nome. João e Maria são irmãos e foram vendidos por seu pai e mãe a um ‘casal mau’, que morava em uma casa de doces. Lá deveriam realizar trabalhos forçados e descobriram que muitas outras crianças eram escravizadas pelo mesmo casal.

Cantando os direitos das crianças (10 min., 2016) – o roteiro foi construído a partir de dois *raps* escritos por uma das alunas do grupo. O filme mostra a atuação de duas MCs de *rap* em uma competição, em show de calouras/os. A temática foca a violência contra crianças e direitos humanos.

Eu protejo o meu corpo (8 min., 2017) – narra os cuidados e formas de proteção que as crianças devem assumir para se proteger e também para buscar ajuda em situações de vulnerabilidade. Baseou-se no livro *Do meu corpo eu cuido e protejo*, de Tina Xavier (2014a) e ilustrações de Lorena Martins.

Mariquinha no mundo da imaginação (10 min., 2018) – inspirado livremente nas obras do poeta Manoel de Barros. Conta a história de uma menina que descobre que o seu 'quintal é maior do que o mundo'; explora a natureza, brinca com seu amigo Nardo e vive experiências em seu mundo imaginário.

Princesa Pantaneira YouTuber (5 min., 2018) – é protagonizado pela Princesa Pantaneira, que agora é uma *youtuber*. Ela apresenta um programa de um canal da internet e responde a perguntas de suas/seus seguidoras/es.

Princesa Pantaneira responde: cinema? (10 min., 2018) – A *youtuber* Princesa Pantaneira responderá a uma pergunta enviada ao seu canal sobre a história do cinema no mundo e no Brasil. O roteiro do filme é baseado no livro de Tina Xavier (2014b) e ilustrações de Lorena Martins.

Brincar de fazer cinema com crianças (10 min., 2018) – é protagonizado pela Princesa Pantaneira *youtuber*, a pergunta-chave do roteiro do filme é sobre como as crianças podem fazer cinema de animação.

Os filmes podem ser acessados para serem vistos por crianças, dentro e fora das instituições de educação infantil e outras instituições educativas, para serem utilizados como instrumentos de discussão com pessoas adultas, por professoras e professores, como instrumentos pedagógicos nas instituições educativas para a discussão sobre gênero e outros assuntos que dizem respeito à infância. Os filmes podem ser um desses instrumentos/recursos pedagógicos, inclusive para acender a chama de produzir outros vídeos e filmes com as crianças, de produzir outros materiais e novos pensamentos, novas ideias, novas personagens... novas músicas... novas expressões artísticas... novas formas de arte como estranhamento, novas formas de pensar.

Todos os filmes têm o gênero como referencial teórico; no entanto, três deles têm relação direta com o tema, que passamos a discutir aqui.

Jéssica e Júnior no mundo das cores apresenta uma menina e um menino como protagonistas e ambos estão imersos em mundos separados, que são representados por marcas de normatizações de gênero: as cores rosa e azul. O filme foi baseado no livro de autoria de Tina Xavier (2009), que descreve a problemática das vivências binárias de meninas e meninos, imersos e imersas em mundos separados pelos seus gêneros. Aos poucos passam a transgredir as normas e se tornam multicolores, mais livres das amarras das normalizações, questionadores e questionadoras.

O filme *A Princesa Pantaneira* traz como protagonista a menina princesa Camuela, que vive no Pantanal Sul-Mato-Grossense e que ganhou dos bichos do seu reino o apelido de Princesa Pantaneira. Ela é uma princesa diferente da idealizada na maioria dos contos de fadas, é corajosa, valente, destemida, desbravadora e salva príncipes e princesas em vulnerabilidade.

O último filme é *Mariquinha no mundo da imaginação*, roteiro inspirado nas poesias de Manoel de Barros. Traz a sapeca e inventiva Mariquinha, que brinca livremente no seu quintal maior do que o mundo, com seus bichos na natureza, e tem o direito de brincar com a imaginação com seus amigos e amigas reais e irreais.

Os filmes trazem as relações de gênero como questões teóricas, questionam sobre as identidades de gênero de suas personagens. Pensam o gênero como organizador das relações sociais das crianças em relação com as pessoas adultas na sociedade e na cultura. As crianças são sujeitos sociais e protagonistas das histórias e de suas vidas, são ativas, encontram saídas para seus conflitos, questionam, aprendem a pensar e a discutir, tornam-se sujeitos de direitos. Debatem sobre as normas de gênero e questionam sobre seus corpos, sobre seus direitos, sobre serem crianças, sobre a possibilidade de brincar, sonhar, imaginar, transformarem-se e transformarem as relações de forma mais equânime entre as pessoas.

“A mão escreve mar”: considerações finais

O artigo surfou pelos mares que impregnam a letra da música Corsário. O mar é “símbolo da dinâmica da vida. Tudo sai do mar e tudo retorna a ele: lugar dos nascimentos, das transformações e dos renascimentos. Águas em movimento” (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1998, p. 592). Ambivalências, dúvidas, contradições no cotidiano de nossas vidas. Algumas vezes, quando o cantor João Bosco, parceiro de Aldir Blanc, canta a música Corsário ele recita o poema de Maiakóvski⁵: “e então, que quereis?” que diz: “[do] mar da história, que é agitado. As ameaças e as guerras havemos de atravessá-las, rompê-las ao meio, cortando-as como uma quilha corta as ondas”.

Em meio às agitações do nosso hoje, das resistências aos poderes, das ondas que tentam nos afogar, focamos nas crianças que são “o retorno do adulto que rangeu, tornou-se pirata de si, navega como piloto de si, desdobrado, artístico. É a eclosão da surpresa oceânica como tormenta ou calmaria” (PASSETTI, 2006, p. 117).

Nesse movimento, a formação continuada de educadoras e educadores, nas dimensões éticas, políticas e também estéticas em que os filmes são potentes artefatos culturais, que nos fazem pensar que o “pessoal é político”, expressão dos movimentos feministas e que são analisadas por Louro (1997) e Pelúcio (2014). O que acontece em nossas vidas privadas está ligado ao que está exposto e produzido no social e no cultural, nas formas

públicas sobre nossos corpos, sobre o que se pensa sobre o ideal de ser menina e de ser menino, por exemplo. Os filmes descritos podem propiciar a discussão com as crianças, para provocar novas formas de ser, visando romper com normas rígidas e binárias de jeitos únicos de ser masculino ou feminino, de brincar com brinquedos já sacralizados com as cores marcadoras para os gêneros masculino ou feminino; normas essas que já estavam sendo questionadas e problematizadas naquele 141º. Fórum daquela cidade do interior de Minas Gerais e que ecoam até os dias de hoje.

Recebido em: 30/05/2020 e Aprovado em: 10/06/2020

Notas

- 1 Doença causada pelo novo coronavírus (COVID-19) com impactos na saúde, educação e economia mundial.
- 2 Compositor desde os 18 anos tem cerca de 500 músicas gravadas entre choro, samba, valsa, baião, bolero, fox, frevo. Lia muito; livros de literatura contemporânea e clássica o que lhe possibilitou imprimir um rico vocabulário nas letras de suas músicas.
- 3 Regina Duarte em entrevista para a CNN, de São Paulo, no dia 07 de maio de 2020.
- 4 Para saber mais sobre o Fórum Sul Mineiro de Educação Infantil acessar o Facebook: fórum sul mineiro de educação infantil e o livro on-line: A História do Fórum Sul Mineiro de Educação Infantil – 1999-2016. <http://repositorio.ufla.br>
- 5 No site do projeto há mais detalhes sobre o histórico e metodologias desenvolvidas. <http://brincardefazercinema.wixsite.com/brincardefazercinema> <?> Poeta russo. Autor do Poema: Então, que quereis? Escrito em 1927. Consta do livro “Maiakóvski – Antologia Poética, Editora Max Limonad, 1987.

Referências

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário dos Símbolos**. Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Tradução de Cristina Rodriguez e Artur Guerra. Lisboa: Editorial Teorema, 1998.

FERRARI, Anderson; ALMEIDA, Marcos Adriano e DINALI, Wesley. Teoria e Subjetividades Queer: poder, resistência e corpo. In: CLARETO, Sonia Maria e FERRARI, Anderson (Orgs.) **Foucault, Deleuze e Educação**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2010.

FOUCAULT, Michel. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In FOUCAULT, Michel. *Ética, sexualidade, política*. Coleção Ditos & Escritos (volume V). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. p. 264-287.

FOUCAULT, Michel. **Dits et Écrits II**, 1976 – 1984. Paris: Éditions Gallimard, 2001.

FURLANI, Jimena. **Educação Sexual na sala de aula**: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

- JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Ideologia de gênero: a gênese de uma política reacionária – ou: a promoção dos direitos humanos se tornou uma “ameaça à família natural”. IN: RIBEIRO, Paula Regina Costa; MAGALHÃES, Joanalira Corpes. **Debates contemporâneos sobre Educação para a Sexualidade**. Rio Grande (RS): Editora da FURG, 2017. p. 25-52.
- LARROSA, Jorge. LARROSA, Jorge. O enigma da infância ou o que vai do impossível ao verdadeiro. IN: LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana**: danças, piruetas e mascaradas. Tradução: Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- LOURO, Guacira Lopes. A emergência do gênero. In: LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- LOURO, Guacira Lopes. Gênero e magistério: representações plurais. In LOURO, Guacira Lopes. **Currículo, gênero e sexualidade**. Porto: Porto Editora, 2000.
- MISKOLCI, Richard. Pânicos morais e controle social - reflexões sobre o casamento gay. **Cadernos Pagu**, Campinas, v.1, n. 28, p. 101-128, jan./jun. de 2007.
- MISKOLCI, Richard; CAMPANHA, Maximiliano. “Ideologia de gênero”: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. “Ideologia de Gênero”: a gênese de uma categoria política reacionária – ou: a promoção dos direitos humanos se tornou uma “ameaça à família natural”? **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 32, n. 3, p. 725-747, set./dez. de 2017.
- PASSETTI, Edson. Heterotopia, anarquismo e pirataria. In: RAGO, Margareth e VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs.). **Figuras de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- PELÚCIO, Larissa. Desfazendo o gênero. In: Miskolci, Richard; LEITE JÚNIOR, Jorge (Orgs.). **Diferenças na Educação**: outros aprendizados. São Carlos, SP: EdUSCAR, 2014.
- REIS, Toni; EGGERT, Edla. Ideologia de gênero: uma falácia construída sobre os Planos de Educação Brasileiros. **Revista Educ. Soc.**, Campinas, v. 38, n. 138, p. 9-26, jan./mar. de 2017.
- SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. de 1995.
- SILVA, Emanuela. **O imaginário e as músicas interpretadas por Elis Regina na década de 70**. Trabalho de conclusão de Curso de Comunicação Social. Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2008.
- VILELA, Eugénia. Michel Foucault, uma filosofia analítica do poder. Marcas, sinais e traços do silêncio. In: CLARETO, Sonia Maria e FERRARI, Anderson (Orgs.) **Foucault, Deleuze e Educação**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2010.
- XAVIER FILHA, Constantina. **A menina e o menino que brincavam de ser...** Campo Grande: EdUFMS, 2009.
- XAVIER FILHA, Constantina. Educação para as sexualidades e gêneros como direitos das crianças nas instituições educativas. In: MACHADO, Raimunda Nonata da Silva; SILVA, Sirlene Mota Pinheiro da (Orgs.). **Vozes epistêmicas e saberes plurais: gênero, afrodescendências e sexualidade na educação**. São Luís: EDUFMA, 2019.
- XAVIER, Tina. **Do meu corpo eu cuido e protejo**. Ilustradora Lorena Martins. Campo Grande: Editora da UFMS, 2014a.
- XAVIER, Tina. **Princesa Pantaneira em**: Brincando no mundo mágico do cinema. Ilustradora Lorena Martins. Campo Grande: Editora da UFMS, 2014b.